



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**07 de julho de 2015**

**Notícias do Dia**  
**Hélio Costa**  
"Festas na UFSC"

Festas na UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Roselane Neckel / Polícia Militar / Departamento de Segurança Física e Patrimonial

### *Festas na UFSC*

A Universidade Federal de Santa Catarina, por meio da assessoria de comunicação, contesta a nota publicada na edição de 1º de julho e esclarece que o ocorrido na madrugada do dia 27 de junho, no campus da UFSC, foi uma festa ilegal, fruto da ocupação do campus por pessoas que não foram identificadas como da comunidade universitária. A reitora Roselane Neckel, por meio de sua assessoria, informou que a Polícia Militar foi acionada pelo Departamento de Segurança Física e Patrimonial da universidade. "Portanto, não houve qualquer conivência da reitoria para com os atos realizados no campus naquela data", diz a nota.

**Notícias do Dia**  
**Cidade**  
"Escolha por votação"

Escolha por votação / Secretaria de Turismo de Florianópolis / UFSC / Identidade visual / Votação pública / Marca turística / Movimenta Florianópolis / Minha Florianópolis / Tecendo Florianópolis

### MARCA TURÍSTICA

#### **Escolha por votação**

A Secretaria de Turismo da Capital e a UFSC apresentam amanhã, às 10h, na sala de reuniões do gabinete do prefeito, as três identidades visuais que vão para votação pública. A mais votada se tornará a marca turística de Florianópolis. As três opções foram definidas como "Movimenta Florianópolis", "Minha Florianópolis" e "Tecendo Florianópolis".

## Notícias do Dia Plural

“Não me peçam bons modos”

Não me peçam bons modos / Manuela Tecchio / Curso de Jornalismo / UFSC  
/ Universidade Federal de Santa Catarina / A louca / Música / Machismo /  
SoundCloud / Assédio / Clarice Falcão

**Notícias do Dia**  
FLORIANÓPOLIS, TERÇA-FEIRA, 7/7/2015

**SoundCloud. Incomodada  
com o machismo, estudante  
cria música feminista na rede**

KARIN BARROS  
karin.barros@noticiasodia.com.br

Uma conversa de bar entre amigas da faculdade foi fonte de inspiração para Manuela Tecchio, 20, estudante de jornalismo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), compor a música “A louca”. A canção, que relata o machismo sofrido pelas mulheres diariamente – inclusive ao frequentar uma mesa de bar –, atingiu 67 mil reproduções até a tarde desta segunda-feira por meio do SoundCloud, após 11 dias da publicação.

Manuela está na 6ª fase e é integrante do coletivo Jornalismo sem Machismo, que nasceu após uma reunião proposta pelo centro acadêmico no fim de 2014. Nela, cerca de cem estudantes buscaram discutir os aspectos machistas da profissão, os assédios que sofrem na rua e dentro do curso, além de formarem um grupo de estudos lendo artigos e acompanhando campanhas sobre o assunto. “Às vezes, parece que você é respeitada, mas tem uma série de coisas implícitas no dia a dia, como a própria liberdade sexual”, contou ela, que se descobriu feminista apenas após a entrada no coletivo.

A música surgiu em março deste ano, quando após o encontro no bar do coletivo, o assunto persistia na cabeça de Manuela. “Cheguei em casa sem sono, senti, comecei a rascunhar e resolvi fazer uns versinhos. Coloquei a melodia, gravei, postei no nosso grupo do Facebook, e ali as meninas começaram a me apoiar e a quererem divulgar”, explicou a compositora.

A gravação em estúdio foi feita na rádio do curso de jornalismo, e a divulgação aconteceu a partir dos compartilhamentos entre amigos nas redes sociais. Ainda não há um vídeo, apenas o áudio disponível. Manuela é de São Lourenço do Oeste, no extremo oeste catarinense, canta desde os dez anos e compõe desde os 15, mas pela primeira vez divulgou um registro. “Essa foi a primeira que eu vi que realmente tinha alguma coisa a dizer. O tema é muito bom, mas não imaginava que ia repercutir dessa forma”, disse ela, afirmando ainda que o assunto não morreu na década de 1950 e que está muito presente na vida das mulheres.

“Ando cansado dessa moça que agora deu pra reclamar. Tá achando ruim lavar a louça e ainda quer se sustentar. Ela tá achando que eu sou trouxa, se namorando no espelho com roupa que não cobre as ‘coxas’, sorrindo de batom vermelho” é o início da letra, que é simples em todos os sentidos, e que busca ironizar sem banalizar o assunto, segundo Manuela. Com trocadilhos e bom humor, a música tem uma pegada de Clarice Falcão, boa batida e letra fácil de decorar.

### O apoio não é unânime

De acordo com Manuela Tecchio, após a criação do coletivo, casos bem fortes de assédio apareceram, mas nem por isso todos os colegas apoiaram o projeto. “Ainda temos meninas que são contra o movimento, mas muitas vezes elas são as que mais sofrem com o assédio e não sabem por estarem muito inseridas nesse meio. Por isso temos que ter muita tolerância, afinal, cada um tem a sua formação. O nosso diálogo é uma coisa que precisa ser construída”, sintetiza Manuela. O apoio masculino também é fraco, e burburinhos sobre as reuniões das feministas da faculdade sempre acontecem.

Outra ação do coletivo é em relação à Semana do Jornalismo que acontece na UFSC. Por meio da organização de festas e piqueniques, as jovens pretendem arrecadar dinheiro para trazer mulheres que discutam a situação na profissão e fora dela, e também o caso do feminismo negro.

# Não me peçam bons modos



★  
Ouça a música  
em: [https://  
soundcloud.  
com/manuela-  
tecchio-1/a-  
louca](https://soundcloud.com/manuela-tecchio-1/a-louca)

Melódica,  
Manuela Tecchio  
fez uma canção  
bem-humorada  
e boa de ouvir  
a partir de  
situações comuns  
em que a mulher  
é criticada

EDITORA: Darlene Pasternak ::: [plural@noticiasodia.com.br](https://www.facebook.com/plural@noticiasodia.com.br) ::: @Darl\_ND ::: FOTO: Rosane Lima/ND

**Diário Catarinense**  
**Visor**

“Construindo os sonhos”

Construindo os sonhos / Curso de Administração / UFSC / Brinquedoteca /  
Serte

## CONSTRUINDO OS SONHOS

Aproximadamente 150 crianças, de zero a 6 anos de idade, serão beneficiadas pelo projeto “Construindo Sonhos”, desenvolvido pelos estudantes da 8ª fase de Administração da UFSC. A ideia do grupo é montar uma brinquedoteca no educandário da Serte, onde os pequenos possam aliar o aprendizado com a diversão. Como o trabalho está sendo realizado através de doações, e o dinheiro anda curto, quem tiver interesse em ajudar pode entrar em contato pelo e-mail ([pconstruindosonhos@gmail.com](mailto:pconstruindosonhos@gmail.com)).

### **Notícias do Dia** **Cidade**

“Dívida histórica”

Dívida histórica / Norte da Ilha / Helena Oliveira / Quilombola / Vidal Martins / Quilombo / Rio Vermelho / Árvores exóticas / MPF / Ministério Público Federal / Fatma / Fundação Estadual do Meio Ambiente / Fundação Cultural Palmares / NUER / Núcleo de Estudos de Relações Interétnicas / Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura / Laboratório de Estudos do Espaço Rural / UFSC / Incra / Cepagro / Edital Elizabete Anderle / Resgate da história de um quilombo na Ilha de Santa Catarina / Sebastião Vanderlinde / Prêmio Catarinense de Arte e Cultura Negra e Indígena / Fundação Catarinense de Cultura / Universidade Federal de Santa Catarina



Norte da Ilha. Helena Oliveira, uma das líderes quilombolas, diz que comunidade quer rediscutir retirada de árvores exóticas

# Dívida histórica

## Rio Vermelho. Quilombolas foram testemunhas da transformação da restinga em floresta invasora

EDSON ROSA  
[edson.rosa@rioc.com.br](mailto:edson.rosa@rioc.com.br)

**Quem foi Vidal Martins**  
● Filho de Joana e pai desconhecido, neto de Jacinta, negra trazida da África em meados do século 18, Vidal Martins morreu em 1910, aos 65 anos. Conforme pesquisaram as bisnetas Shirten e Helena Oliveira, Vidal era bebê quando Joana passou a servir ao padre Antônio Pulcheria Mendes de Oliveira, primeiro residente da Paróquia de São João Batista do Rio Vermelho.

Um dos patriarcas do Quilombo Vidal Martins, o pescador Odílio Izidro Vidal, 62, era um menino raquítico e curioso em 1963, quando o engenheiro florestal Henrique Berenhauer começou a recrutar trabalhadores braçais para derrubar a restinga, abrir valas e plantar as primeiras mudas de pinheiro americano e eucaliptos. Ele cresceu e viu de perto a transformação de fauna e flora na orla entre a Lagoa da Conceição e a Praia Grande, no Rio Vermelho, onde só aves de rapina sobrevivem na floresta de pinus que se espalhou no lugar das espécies nativas da mata atlântica.

Pais, avós e tios de outras crianças negras como Odílio estavam juntos na empreitada, também convencidos que era o melhor a fazer para proteger casas e plantações dos ventos que sopram forte de sul e de leste e do consequente avanço das dunas. "Foi uma grande mentira, mas o pessoal acreditou. Era a única forma de ter trabalho e dinheiro. Quem não aceitou foi mandado embora", diz.

O velho quilombola presenciou, também, a demarcação de lotes para distribuição entre amigos influentes e capatazes de Berenhauer. "Foram grilladas muitas terras aqui em volta", aponta. Em fase de pesquisa para laudo antropológico, o quilombo é composto por 26 famílias, das quais 16 (cerca de 50 pessoas) ocupam apenas 900 metros quadrados ao lado da rodovia João Gualberto Soares, continução urbanizada da SC-406/Norte.

"Foi o que nosso pai conseguiu comprar, e onde vivemos amontoados até hoje", diz Shirlen Oliveira, 35, uma das líderes quilombolas. Os demais, do ramo de Militão Boaventura Vidal Aguiar, atravessaram a lagoa e se fixaram na Costa.

Os quilombolas querem participar ativamente do debate sobre o corte de árvores exóticas, plantadas na década de 1960. Helena Oliveira, 33, explica que a comunidade vai requerer, via MPF (Ministério Público Federal), a realização de nova audiência pública com detalhamento do projeto da Fatma (Fundação Estadual do Meio Ambiente) para regeneração da área degradada do parque.

## Plano de manejo a caminho

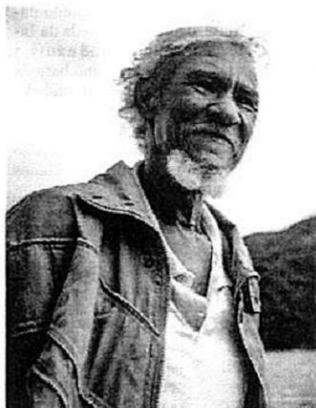
A diretoria da Fatma prefere esperar o andamento do processo antropológico antes de se pronunciar sobre criação oficial do quilombo. Até lá, caberá ao chefe do parque, geógrafo Carlos Soares, manter o diálogo e as porteiças abertas aos quilombolas. "Como todas as comunidades do entorno, eles participam dos eventos", diz.

Segundo Soares, o corte de árvores será normatizado por concorrência pública específica, independentemente da licitação para implantação do plano de manejo do parque. "O edital será lançado ainda neste ano, e já temos recursos disponíveis [R\$ 450 mil]", informa.

Estudos científicos sobre fauna e flora já realizados eliminam etapas e, segundo o geógrafo, é provável que o plano de manejo esteja em vigor no segundo semestre de 2016. A presença da comunidade quilombola, na avaliação dele, não será motivo para conflitos, mesmo que haja sobreposição de áreas.

"É preciso discutir a forma de compartilhamento. Pode ser mais interessante para a comunidade ser inserida, não desanexada, cada área com suas restrições e características próprias de uso", diz Soares. A participação da comunidade no conselho consultivo do parque, segundo o geógrafo, é uma das garantias da futura homologação do território quilombola no Rio Vermelho.

Os quilombolas questionam como serão inseridos no futuro plano de manejo e gestão do parque. "Nossos antepassados foram trazidos no século 17, nossa história está aqui há pelo menos 300 anos", diz Helena. O Quilombo Vidal Martins recebeu certificação de reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares em outubro de 2013.



Legado. Shirlen Oliveira, sobrinha de Odílio, iniciou pesquisa que serve de base ao levantamento antropológico

#### UM POUCO DA HISTÓRIA

- A grande incidência de escravos em Santa Catarina, destacada no artigo "Uma vida em comum: africanos libertos e seus arranjos familiares em Desterro", da historiadora Ana Paula Wagner, é atribuída ao alto poder aquisitivo da população local nos séculos 18 e 19.
- O viajante Auguste de Saint-Hilaire, em sua passagem por Desterro em 1820, registrou que agricultores ilhéus pareciam mais "industriosos" do que os fazendeiros do interior. Também fez menção à existência de escravos rurais na ilha.
- Saint-Hilaire relatou que em 1820 a população local era de 14 mil pessoas, sendo 2.800 escravos. Em 1841, registrou 19.568 habitantes, dos quais 4.336 cativos.
- Na saída de Desterro rumo a Laguna, Saint-Hilaire ancorou diante da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, atual Ribeirão da Ilha. O povoado era de 1.900 indivíduos, sendo 500 escravos.
- O grande número de escravos seria reflexo das grandes plantações de cana-de-açúcar, lavouras que o navegador Saint-Hilaire descreveu como "grande mosaico verde".
- Desterro também exportou escravos após o tráfico internacional. Entre os negociadores mais importantes da época estava Manoel Antonio Victorino de Menezes, que veio do Rio de Janeiro em 1860 e anunciava em jornal que comprava escravos para revenda no Sudeste.
- Em 1870, Victorino de Menezes negociou 170 escravos em Campinas (SP). Número pode ser maior depois da sociedade dele com Manoel Jorge Graça, que tinha 90 vendas registradas em seu nome.



#### Parque Estadual do Rio Vermelho

Características oficiais

- **Criação:** Decreto nº 308, de 24 de maio de 2007
- **Límites:** Distrito do Rio Vermelho ao norte, Lagoa da Conceição a oeste, praia de Moçambique a leste e distrito da Barra da Lagoa ao sul
- **Área:** 1.532 hectares, divididos em duas glebas cortadas pela SC 406/ Leste – continuação da rodovia João Gualberto Soares

**11%** – Mata atlântica, encosta do Morro dos Macacos

**54%** – Restinga variada na orla da Praia Grande/Moçambique

**35%** – Espécies invasoras e ecossistemas alterados pelo plantio de pinus e eucaliptos

FONTE: FATMA

## Um ano para concluir laudo

O relatório é a primeira etapa necessária ao processo de regularização dos territórios quilombolas. O estudo – desenvolvido pelo NUER (Núcleo de Estudos de Relações Interétnicas), Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura e Laboratório de Estudos do Espaço Rural da UFSC – dará caracterização histórica, econômica, sociocultural e ambiental à comunidade e fornecerá dados técnicos para o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, a ser elaborado depois pelo Inera.

"O levantamento inicial já está sendo feito pela comunidade há mais de um ano. Prosseguiremos e daremos suporte ao projeto", explicou o professor Nazareno José de Campos, do Laboratório de Estudos de Espaço Rural. O plano de trabalho prevê apoio do Inera a pesquisas, seminários e outros eventos envolvendo comunidade e universidade.

Enquanto as pesquisas de campo são realizadas, a comunidade reclama da falta de

políticas públicas específicas. "Há pessoas interessadas na Copir [Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial], mas falta apoio", diz Shirlen. A pesca na lagoa ainda faz parte do dia a dia, mas a servidão diante do número 9543 é o único acesso público à lagoa, onde muros, aterros e trapiches retratam a ocupação imobiliária desordenada da orla.

Na economia familiar, é importante a parceria com o Cepagro (Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo). "Fazemos compostagem e adubo com o lixo doméstico", explica Jucélia Oliveira, 58. Segundo a ela, a assistência técnica é importante na produção de hortas e frutas orgânicas. O administrador do Cepagro, Henrique Romano, 38, diz que uma das próximas ações será comprar ferramentas para a comunidade, com recursos gerados ali mesmo no parque. "Assim como os quilombolas, as demais comunidades do entorno também podem participar", diz.

### Pesquisa premiada com edital Elizabete Anderle

"Resgate da história de um quilombo na Ilha de Santa Catarina", pesquisa do historiador Sebastião Vanderlinde, é o projeto escolhido em primeiro lugar para o Prêmio Catarinense de Arte e Cultura Negra e Indígena do Edital Elizabete Anderle 2015, da Fundação Catarinense de Cultura. A ideia é transformar em livro a vida de Vidal Martins, escravo que viveu entre 1845 e 1910 no Rio Vermelho e deixou como legado o reconhecimento oficial da presença negra na colonização de Florianópolis.

Para os quilombolas, o edital representa mais uma etapa para o reconhecimento histórico da presença escrava na cidade e na mobilização por melhores condições de habitação, saúde e educação de crianças e

adultos. Outra boa notícia para os descendentes de Joana, a escrava africana trazida em meados do século 18, é o encaminhamento pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) das pesquisas para o laudo antropológico.

"Não abriremos mão da terra e do acesso à lagoa. Nossa subsistência depende da agricultura e da pesca", reforçam as irmãs Shirlen e Helena Oliveira, que iniciaram a pesquisa sobre os escravos que viveram no Rio Vermelho entre os séculos 18 e 19. Multidisciplinar, o trabalho de campo começou em abril deste ano, com Termo de Cooperação Técnica entre UFSC e Inera (Instituto de Reforma Agrária). Inclui convívio na comunidade e levantamentos documentais, históricos e geográficos. O prazo para conclusão é abril de 2016.



Matriarca. Jucélia Oliveira, uma das moradoras mais velhas do quilombo, abastece pesquisadores da UFSC com dados históricos

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

[UFSC pretende mudar regras para festas no campus da Trindade](#)

[UFSC e Prefeitura se reúnem para falar sobre festas no campus](#)

[Exposição itinerante do projeto Fortalezas da Ilha chega à UFSC](#)

[Enquete pública promovida pela Prefeitura irá escolher a Marca Turística de Florianópolis](#)

[Simpósio Internacional em Florianópolis debate mudanças climáticas e recursos genéticos](#)